

## A HORA DO CRIME

A política vai entrar numa hora torva. O ministério, verbo de encher, Domingos Pereira desaparece para dar lugar ao ministério António Maria da Silva. O sr. Teixeira Gomes vai sair de Belem para ceder o seu cargo, segundo todas as probabilidades, ao sr. Bernardino Machado. Vai-se entrar na repressão aberta, feita com todas as praxes constitucionais, legalista até à medula, com um parlamento feito assembleia, feito congresso permanente do partido democrático. Para dar a toda a ditadura que se esboça e que vai cair sobre nós, violenta e avassaladora, um ar de dignidade democrática, umas oposições compostas de alguns oradores de retórica fácil e impressionante trovejarão de vez em quando, dando ao país a impressão de que o parlamento é o representante legítimo e directo da vontade popular. Esses oradores de vez em quando declamarão belas tiradas que farão sorrir o cínico António Maria da Silva.

A liberdade, a liberdade ratinhada duma constituição política feita em farrapos, terá dois ou três tenores em São Bento, mas a defesa dela ficará assegurada só porque algumas gargantas sujeitas a enrouquecimentos entoejem em sua homenagem algumas romanzas? Deixemo-nos de ilusões e de ilusões perigosas. Os parlamentos são, há-de ser sempre a expressão da vontade da burguesia. E a vontade da burguesia em Portugal está monopolizada pelo partido democrático, consubstanciada em António Maria da Silva. A maioria parlamentar foi eleita pelos caciques da província, quasi todos eles agricultores, lavradores, proprietários, burgueses até à medula, pelo seu espírito e pelos seus interesses.

Esses caciques eram ainda em 1910 monárquicos, hoje fazem virar a sua vontade por meio de António Maria da Silva, homem da sua confiança que foi na monarquia reles administrador do concelho e ladrão de eleições em Redondo, de onde teve de fugir, oculto numa carroça de feno. Abolir a vontade e o predomínio desses homens é tão difícil como deitar abaixo a sociedade burguesa que eles encarnam, o que é a expressão da sua vontade.

Como nos confrangem os ingênuos, os pobres ingênuos, que supõem que conquistar uns logarinhos no parlamento, umas meras oposições bastariam para derrubar o existente e implantar a justiça. Como se fosse possível que a liberdade se implantasse num foco corruptor, como se fosse admissível que ele brotasse duma latrina!

Despedido Teixeira Gomes secamente, como se despede um lacaio que não serve, posto em Belém esse velho remoçado pelo ódio perpétuo que é a história da sua vida, ódio que se expande contra tudo e contra todos; esse sinistro e ridículo político que é simultaneamente Harpagon e Tartufo, António Maria da Silva, vai desencadear sobre os que trabalham, em benefício exclusivo dos que exploram, uma ditadura violenta e brutal. Vamos entrar na política de repressões sistemáticas, no crime legalizado por meia dúzia de abutres e uma centena de carneiros parlamentares.

António Maria da Silva é hoje uma provocação enervante, um desafio e um insulto lançado a todas as vítimas das explorações e das traficâncias. O seu ministério vai ter sede de facto na rua dos Capelistas. Se os homens que fizera a malograda insurreição de 18 de Abril não possuem ambições pessoais—o que não é crível—hão de ir-se da sua derrota, pois que as suas sinistras ideias vão todas ser postas em prática por um político desonesto, crápula, com alma de facinora.

A alta finança não é o país. António Maria da Silva não é o país. O país é quem trabalha e não rouba. E é lícito quando nos pretendem deitar as mãos à garganta para nos asfixiar e nos metem a seguir, as mãos nos bolsos para nos roubar que nos defendamos duma autêntica quadrilha de ladrões e de assassinos que dentro de alguns dias se vai alcaudonar no Terreiro do Paço.

## Os socialistas e Hindemburgo

BERLIM, 10.—O grupo parlamentar do Partido Socialista reuniu-se ontem à noite sem nada ter deliberado sobre a sua participação do novo governo do Reich.

## EM PLENA DEMOCRACIA...

### Foi proibida a conferência que o dr. sr. Marinho da Silva devia realizar ontem sobre deportações

O vasto Salão da Construção Civil reorganizava de operários, quando, às 21 horas, Alberto Monteiro, da Comissão pró-regresso dos deportados, fez a apresentação do dr. sr. Marinho da Silva que se propunha apreciar as deportações e prisões sem culpa formada. Feita a apresentação, ao conferente diz que, apesar de novo, ao envergar a toga tem o mais respeito pela justiça.

Proseguindo diz que quando um indivíduo pratica um delito, a justiça tem sempre o máximo cuidado em observar se o delincente está ou não sob a alçada do código. Evocando os artigos 15.º e 16.º da Constituição prova que a polícia violou a lei básica da República procedendo, como procedeu às prisões dos operários que se encontram em Africa e nas esquadras, em Lisboa.

Passando em revista a condução dos presos para a Boa-Hora critica acerbamente o procedimento da polícia que considera degradante e indigno dum país civilizado. Quando o fluente orador prestava homenagem ao carácter dos magistrados portugueses a polícia invadiu a sala da conferência proibindo que o orador prosseguisse. Alguns dos assistentes manifestaram o seu desagrado, e a sala foi evacuada aos vivas à liberdade e abaixo a reacção.

Como alguns operários estacionassem de frente da sede da C. G. T., uma força de cavalaria da G. N. R. dispersou-os violentamente, o que levantou novos protestos. Não podendo o dr. sr. Marinho da Silva exprimir o seu pensamento em virtude da arbitrariedade cometida pela polícia, o ilustre advogado forneceu-nos cópia do seu discurso que passamos a reproduzir a fim de que se conheça o que a polícia pretendia impedir que se conhecesse:

Interrogados conscienciosamente os arguidos pelos integros magistrados que ocupam os juízos de investigação criminal de Lisboa, foi arbitrada aos arguidos a fiança de 50 mil escudos.

A pergunta que surge imediatamente e que aflora imediatamente aos lábios é esta: «Mas então estes homens que passam na rua em carros celulares escoltados por guardas armados podem dar a momentos—se prestarem a canção de 50 contos em dinheiro—passar livremente?»

E curioso e seria ridículo se não tivesse um aspecto grave, socialmente.

Em primeiro lugar é necessário saber-se se os incriminados podem ser fiançados. Tão longe quero levar a minha insensação que digo francamente—quer agrade o não—entender não deverem sê-lo. Explico-me. De que são acusados estes homens?

De homicídios voluntários e frustrados, uso e fabrico de mecanismos mortíferos, isto é: crimes a que corresponde pena fixa e que, portanto, nos termos da lei de 15 de abril de 1886 e artigos 921.º e 1163.º da Novíssima Reforma Judiciária não é de admitir a fiança.

Mas estarão tão necessitados de dinheiro os poderes públicos que será necessário que todos—mesmos os «elegiários vermelhos»—paguem?... E depois dá-se esta outra coisa revoltante: a fiança só pode ser em dinheiro!

Eu entendo—diga-se de passagem com aquela sinceridade que é meu timbre—que o Estado tem o direito, para velar pelo socorro do mesmo Estado de se defender. Mas essa defesa quando não for feita dentro das normas legais ou morais deixa de ser defesa e passa a ser desordem.

Que triste tudo isto: o Estado agente de desordem para manter a ordem!

Contra tal proceder revolta-se a minha sensibilidade e a minha inteligência. Recordo-me neste momento de um aforismo de um ilustre Mestre de Direito: «Não é admissível um sistema de leis que não se baseie integralmente em princípios morais».

Por isto—quando mais não fosse—as deportações e as prisões sem culpa formada, excedendo o prazo das leis que nos regem, tornam-se irritantes e contra o sossego do próprio país.

Acabe-se com este estado de coisas. Normalise-se, legalizando-se, a situação dos presos. Se são culpados, castiguem-nos severamente, com a lei na mão. Mas provejam antes que estes homens são todos culpados.

Antes disso, não! Julguem—onde quiserem, digo eu—estes homens, mas julguem-nos dando aos seus todos a defesa, porque ao maior criminoso não pode ser negado o direito de defesa.

Continuar esta situação é criminoso. Sangram a Liberdade e a Justiça—estas duas forças agenciadoras do progresso, pelas quais luto e pelas quais combato com todo o ardor da minha alma de idealista, com todo o entusiasmo da minha inteligência!

## Da Confederação Geral do Trabalho aos Sindicatos, Unões e Federações

O Comité Confederal notifica aos Sindicatos, Unões e Federações que a partir desta data podem requisitar o expediente de cobrança para o próximo ano. As cadernetas contêm folhas de cobrança para os anos de 1926-1927 sendo o seu custo, cuja justificação se fará numa circular a enviar aos organismos confederados, de 45 centavos.

## O COMITÉ CONFEDERAL

## A SAUDE DO POVO

### Um "modelar" enfermeiro-chefe do Manicómio Miguel Bombarda que desonra a prestimosa classe a que pertence e traí a simpática missão que lhe cometeram

Vamos epilogar a reportagem sobre o Manicómio Bombarda, fazendo passar pela fieira dos nossos comentários o procedimento do enfermeiro-chefe da enfermaria 3 (entrados), um indivíduo de nome Xavier. Presamos muito a prestimosa classe, cujo testemunho é o último congresso corporativo. Essa consideração não faz alienar o nosso exame crítico, quando algum dos seus membros prevarique ao ponto de o termos que zurzir. Nessa inteligência se justifica a atitude que vamos tomar, pondo a nu a série de irregularidades praticadas por aquele funcionário.

O enfermeiro Xavier é o protótipo de guardião. Expressão grosseira, bigode facinoroso que nos faz lembrar a guarda da Municipal, tem o olhar trágico dum anormal, que infunde respeito. Vimo-lo a alguns metros distante, observámo-lo a alguns centímetros de nós. Subserviente para os superiores, com certo desdém encara o estranho, com um semblante de superioridade fita o visitante. A sua biografia é larga. Os seus crimes perdem-se na bruma dos anos, evolvem-se na vertigem da vida.

Todas as suas arbitrariedades têm ficado impunes, têm sido esquecidas por conveniência. Escudado nessa circunstância este senhor Xavier tem abusado da miséria dos pobres internados, tem praticado verdadeiras «escroquerias» que ruborizariam um gatuão profissional num dos momentos de raciocínio. Aos redactores deste jornal foram reveladas tais falcatruas, foram narradas tais façanhas que constituem o maior libelo acusatório que se pode formular a um homem. Disseram-nos ainda que a sua miserável obra é do conhecimento dos seus superiores. Asseveraram-nos que esse monstro possui dinheiro, roubado às migalhas dos loucos, saciado com perfeitíssimo instinto de vampiro. E todavia o sr. Xavier é enfermeiro-chefe da enfermaria dos entrados, por onde têm que passar todos os internados.

Poupamos ainda o nosso inimigo, embora lhe possamos ir morrer nas mãos. E poupamo-lo, não porque ele seja digno da nossa clemência, mas porque a evocação dos factos que vão ser conhecidos do leitor, são por si, o suficiente para biografar um anormal.

A história deste cavalheiro precede a 1910. Em 4 de Janeiro de 1911, já o jornal *O País* se ocupava dele pondo a descoberto um pouco do seu escopo moral. Por ser muito edificante não resistimos à tentação de tornar conhecido a local daquele jornal republicano, que se referia a uns escândalos do Manicómio:

«Um enfermeiro de nome Xavier, comete abusos de alto calibre e tem uma crónica do tamanho da légua da Póvoa. O porteiro André, em certa ocasião, evitou que o homem levasse para fora do hospital uns sapatos pertencentes à casa, apreendendo-lhos junto do portão.»

Depois desta data, não decorrer destes 15 anos, o protegido Xavier tem accionado como um autêntico pirata, segundo nos referiram alguns—nota leitor, alguns!—funcionários hospitalares.

No que concerne à fazenda hospitalar além de a desfalcá-la, deixa que o bicho trace dezenas e dezenas de peças de roupa, havendo, como flagrante exemplo, o caso dum cobertor, que há bem pouco tempo tirou da arrecadação. Esta atitude tem dado motivo a que falte a roupa aos loucos indigentes, como sucedeu mais duma vez.

Se este gesto é merecedor do nosso reparo, com mais e muito mais justiça são merecedoras dos nossos veementes comentários as suas atitudes no que respeita a exploração exercida sobre os internados.

Quando um pobre louco entra na enfermaria de que é chefe o sr. Xavier tem logo

contra si três silhuetas de tragédia: a lei 9 de Maio de 1911; a revoltante promiscuidade da instalação; e por último o abutre Xavier.

O internado assim que ali cai é despojado de todos os seus haveres. Imediatamente o Xavier, para hipotéticos efeitos de inventário, pergunta ao despojado se sabe qual a importância de que era portador. Se este acusa a importância de 100, logo o enfermeiro-chefe atalha que apenas tinha 50 para receber os outros 50 que ocultou. Se o paciente leva objectos, jámais os torna a ver.

A's famílias dos internados, para os seus sejam mais bem tratados, é-lhes exigida esportula, que a ser recusada redundará em mau tratamento do doente. Este cavalheiro tem ainda a pesar-lhe na consciência a escandalosa fraude de mandar proceder a análises dos seus clientes, cá de fora, que saem com o nome dos internados e, por essa razão são legais para todos os efeitos.

Muitas famílias dos doentes, ao fim de algum tempo vêm a descobrir as «escroquerias» do «zeloso» Xavier mas não ousam protestar com receio de que os seus sejam vítimas dalguma vingança daquele cavalheiro.

Não há muitos dias que se «esqueceu» de mencionar na respectiva paqueta e, consequentemente de entregar na repartição competente, a importância de 100 escudos pertencentes a um doente. Este teve alta e retirava-se sem se lembrar da importância que o tinha acompanhado na entrada, quando um empregado menor lhe lembrou que tinha a haver 100 escudos. Requiridos ao Xavier, esteve em risco de não os receber, porque o «bondoso» enfermeiro-chefe afirmava que o dinheiro pertencia a um indivíduo que tinha estado louco...

Quando os redactores da *Batalha* chegaram ao Manicómio levavam, entre outras reclamações recebidas na nossa redacção, uma queixa dum doente que esteve na enfermaria 3, como já ficou dito a que tem como enfermeiro-chefe o «benemérito» Xavier. Era um brado pungente, que por ser tão grave precisava que alguém o justificasse. Junto de alguns enfermeiros do hospital de alienados apurámos que a queixa era autêntica. Por esse motivo o leitor vai dela tomar conhecimento, antes de fecharmos o súdrio de misérias morais do exemplar que estamos focando:

Para a enfermaria 3—íamos a dizer Píndar de Azambuja Xavier—encontrou há pouco um enfermo, que transitou para a enfermaria de cirurgia e teve alta ao fim de alguns dias. Em virtude deste facto, o doente pediu que lhe fosse entregue, além da roupa, outros objectos. Verificou, porém, com espanto, que lhe faltava a carteira e um relógio, pelo que reclamou. Houve contestação da parte do Xavier, que em presença do fiasco que provocara, depois de ensaiar uma negativa, houve por bem entregar ao doente os objectos com que se pretendia governar.

Outras vergonhas poderíamos fazer passar pelo nosso «cran» se—repetimos—não fosse suficiente o que ficou dito para atestar iniludivelmente que aquele funcionário hospitalar é a vergonha da prestimosa classe de enfermeiros que não é culpada de o seu ventre gerar semelhante aborto.

E' tão indigno o procedimento deste Xavier que não encontra nos seus colegas quem o aplauda, quem lhe leve a bem o facto dos protestos que nos apresentaram e que deixamos exarados, a mais formal condenação dos crimes dum enfermeiro—chefe de enfermaria!

E lembarmo-nos nós que há no pavilhão de segurança do Manicómio indivíduos muito menos perigosos do que este Xavier!

## A CORPORAÇÃO DO CRIME

### Um polícia que assassina sua mulher e sua sogra, mercê da complicitade da esquadra do Caminho Novo e do Governo Civil

Deram os jornais de ontem, em meia dúzia de linhas, a notícia de que o guarda cívico 2373 matara a tiros de pistola sua mulher e sua sogra. O crime foi cometido anteontem de madrugada e em condições de uma crueldade infinita.

Há três anos António de Oliveira Macário juntou-se com Elmeira da Costa Antunes, que tinha um filho de outra união. Ao fim de pouco tempo começou logo a revelar os seus mais instintos, embriagando-se repetidas vezes, espancando a sua companheira e pondo a mobília na rua. Mas tardou, quando da sua união nasceu um filho, insou com a mulher para casarem. Esta recusou-se, por não poder suportar o mau viver que lhe dava. A família interveio no caso e convenceu a mulher a casar com o Macário, pois este afirmava constantemente que se se matrimoniasse se corrigiria: deixaria de se embriagar e de agredir a mulher. Faltou a essas promessas e continuou martirizando de tal maneira sua mulher que esta resolveu abandoná-lo, apesar de já ter dois filhos.

O Macário, porém, continuou perseguindo-a, arrombando-lhe e apedrejando-lhe a casa em que ela vivia com seus pais e seu irmão. Sempre que elas, perante estas violências, reclamavam a intervenção da polícia ele punha-se em fuga.

Há pouco mais de três meses começou afirmando pelo súdio que já tinha descoberto um processo fácil de se vingar da mulher: iria alistar-se na polícia. E assim fez. Então, cheio de audácia, devido ao estranho prestígio da sua farda, continuou praticando vários distúrbios, mas, aproveitando sempre

as noites em que seu cunhado, que trabalhava numa fábrica, não vinha a casa.

Por meio de ameaças conseguiu coagir sua mulher a voltar a viver com ele. Pouco tempo isso durou: um dia agarrou num martelo de ferro, quebrou toda a mobília e desapareceu de casa. Começou depois a dizer por toda a parte que havia de matar a mulher e os sogros e que se o cunhado lhe aparecesse também lhe arrancaria a vida.

A mulher, acompanhada da sogra, foi várias vezes à esquadra e ao governo civil queixar-se. Mas naquela corporação de solidiedade vai até ao crime. E em vez de tomarem providências limitavam-se a dizer-lhe que quando ele voltasse a cometer distúrbios que tornassem a queixar-se. Se isto não era uma autorização para a polícia praticar o crime que premeditara não sabemos o que havemos de chamar-lhe...

Anteontem, de madrugada, cerca das 2,30, depois de ter passado a noite num clube da rua de S. Jerónimo, a fazer distúrbios e a querer quebrar copos a tiro, dirigiu-se a casa do sogro e como não lhe abrissem a porta arrombou-a, e sem proferir uma única palavra, desfechou sobre a mulher e a sogra, prostrando-as sem vida. Não contente com este duplo assassinato tentou ainda sem o conseguir matar o enteado, de 8 anos. Depois correu toda a casa em procura do sogro para o liquidar. Como não o encontrou dirigiu-se à casa dum guarda fiscal, contendo-lhe o que tinha feito, terminando por lhe pedir que o acompanhasse à esquadra do Caminho Novo, onde pertencia. Porém, antes de se ir apresentar à esquadra voltou a casa dos sogros e depois de cons-

## Notas & Comentários

### «A arte de matar o próximo»

Não costumamos dar o relato de crimes, cumprindo assim o nosso dever, evitando que por meio duma morbida publicidade se exerça uma atmosfera propícia a actos anti-sociais. Não deixaremos, porém, de assinalar, pelo significado social que encerra, o crime cometido por um indivíduo que pertence a uma corporação encarregada de evitar e reprimir o crime. O facto narra-se em poucas linhas:

O cívico 2378, da esquadra do Caminho Novo, dirigiu-se na madrugada de ontem a casa da sogra. Como esta se recusasse, por conhecer os seus mais instintos, a abrir-lhe a porta, o polícia arrombou-a e depois enfiou pela casa, de pistola em punho, e matou a tiro a mulher e a sogra.

E' fácil daqui concluir-se que ameaça enorme este indivíduo representava para a vida de todos nós, armado de espada, pistola e espingarda e autorizado, pela sua impunidade, a disparar à valentona sobre quem lhe apetecesse. Este polícia que nem a própria mulher poupou está com certeza já inscrito para ir, no próximo congresso da polícia, fazer interessantes aditamentos à tese que lá vai ser discutida intitulada «A arte de matar o próximo».

### Congresso das Misericórdias

O sr. Sebastião Alfredo da Silva, secretário geral do 1.º Congresso das Misericórdias, realizado em Março do pretérito ano, teve a gentileza de nos enviar um exemplar do livro que insere impressas as actas daquela magna reunião.

### A arte e os artistas

Inaugura-se hoje, para a imprensa, e amanhã para o público, na sala da biblioteca da Imprensa Nacional de Lisboa, a exposição de aguarela do sr. Alfredo Morais.

### Foi aumentado o preço do aluguer...

Os quartos particulares do Governo Civil, ali aqui destinados aos detidos por delitos insignificantes, vão passar a receber todos os presos que caem na Parreirinha, uma vez que não sejam considerados perigosos, ébrios, falsificadores de moeda, incendiários, assassinos ou fugidos das cadeias. A condição para se habitar aqueles «confortáveis» quartos é, segundo dizia um vespertino, a seguinte: pederastas ou sodomitas, cada por dia 100 escudos; os que se introduziam em casa alheia para roubar ou furtar, 80 escudos; agressão a agentes de polícia, 70 escudos; desobediência, ameaças e resistência aos agentes policiais, 50 escudos; roubo ou arrombamento, 40 escudos; falsificação de escrita, 40 escudos; furtos de qualquer espécie, 30 escudos; quebra fraudulenta ou desfalque 20 escudos.

Em todos os outros casos não especificados acima os detidos pagarão 10 escudos diários.

A polícia em todos os seus assuntos tem sempre um critério muito bizarro. Além de proscrever o direito, a muita gente presa arbitrariamente, de aguardar nos quartos as investigações lança um pesado encargo sobre vários deltos, especialmente desobediência, que é aquele que maior número de vítimas abrange.

### Na forja...

Durante o dia de ontem, especialmente à noite, correram os mais desencontrados boatos sobre revolução. Falava-se num movimento militar, marca 18 de Abril; insinuava-se uma revolução de carácter esquerdista, mas afinal tudo ficou na mesma. Até à hora em que escrevemos, apenas algumas prevenções e a expectativa dos curiosos a quem todos os dedos lhes parecem hospédes...

Com mais um compasso de espera sairá definitivamente da forja...

### A renúncia do chefe do Estado

O dr. sr. Teixeira Gomes renunciou ontem oficialmente ao cargo de chefe do Estado. Fê-lo numa missiva redigida em termos serenos, que dirigiu ao Parlamento, justificando na falta de saúde o «não poder continuar no desempenho das suas funções».

Para Belém irá, segundo refere a imprensa, o dr. sr. Bernardino Machado, que há muito tempo aspira àquela ascensão.

O dr. Teixeira Gomes retira-se enojado da bandalheira que o cercou, certamente disposto a entregar-se às suas produções literárias, bem mais salutares do que a vida agitada de presidente.

### A participação da Rússia na Sociedade das Nações

MOSCÓVIA, 10.—No congresso do Partido Comunista, os comissários soviéticos renovaram mais uma vez as suas objecções à participação da Rússia na Sociedade das Nações, afirmando que a Inglaterra, por meio dos acordos de Locarno, está agrupando as potências europeias contra os soviets, utilizando-se da Alemanha como o braço executor das resoluções da sociedade contra o desenvolvimento comunista.

tatar que de facto a mulher e a sogra estavam mortas, saiu muito contente pela sua obra.

Na esquadra declarou que se sentia muito satisfeito pelo que fizera, lamentando apenas não ter encontrado o sogro. E confessou que ficava muito aborrecido por o não ter assassinado.

Este caso vem dar razão a tudo quanto aqui temos dito sobre a corporação policial. Desde que os súbditos fardados do maior Ferreira do Amaral conseguiram agredir e matar a torto e a direito, vários indivíduos de maus intintos se têm alistado na polícia para cometer crimes: a sogra de um tenentado impune. Não deixa de ser bastante significativo que a polícia tivesse deixado que um dos seus guardas cometesse este bárbaro crime. Bastantes vezes a esquadra do Caminho Novo e governo civil foram avisados do crime que o polícia Macário premeditava. Mas não fizeram caso, nem procederam contra o assassino. E foi devido a esta complicitade repugnante que o Macário se animou a pretender exterminar uma família sem escapar uma criança de 8 anos.

Porquanto tempo andaremos nós à mercê duma corporação de assassinos?

## Os precursores do Angola e Metrópole

Vai por aí fora um alarido descomunal por causa do caso escandaloso do Banco Angola e Metrópole. E todavia, essa enorme cena de burla não constitui nada de inédito: é a sequência lógica de outras patifarias que o regime de propriedade, que o sistema capitalista, vai, pelos séculos seculares, desenvolvendo no tempo e no espaço.

Servindo-se da expressão de Benoit, a propósito das espertezas de Courtouls acerca das especulações bancocráticas da Bólsa, os críticos atilados poderiam encontrar esta justificação para os aventureiros do Banco Angola e Metrópole: «A agiotagem e a fabricação da moeda falsa são um roubo; mas como, afinal, a sociedade e o Estado actuais são baseados sobre o roubo, a agiotagem e a falsificação da moeda são lícitas».

O sistema da propriedade privada, a que tanto se aterra a burguesia, criou, segundo Lermine, «todos os vícios»: é geradora da preguiça, da inveja, do roubo, do ódio, do assassinato.

A falcatrua, pois, do Banco Metrópole e Angola está dentro, e plenamente fundamentada, dos quadros jurídicos da legal criminológica do Capitalismo absorvente.

O autor dos *Judeus reis da época*, Tausenel, dizia que o «feudalismo industrial, financeiro ou comercial, nem repousa sobre a honra, nem sobre as honras»; «o seu carácter é a cubícia, cubícia insaciável, má de astúcia, da má fé e das coligações». «Todas as suas instituições têm o cunho do acaparamento, da fraude e da iniquidade».

Ora o Estado, se não é o expoente máximo dessas instituições de acaparamentos, de fraudes e de iniquidades, pelo menos está infiltrado numa infinidade delas, vivendo com elas em perfeita amancebia e protegendo-as infinitamente pródigo.

Por isso não nos admira que Heliodoro Salgado se espantasse já em 26 de Dezembro de 1899 que o Banco de Portugal, aliado ao Estado monárquico, tivesse fabricado 54.000 contos de moeda falsa, visto que dos 68.000 contos que andavam a circular fiduciariamente, nem a 14.000 atinga a reserva metálica. E vá que nesses tempos ainda circulava algum dinheiro em cobre e prata... «Que não diria hoje que tudo isso desapareceu, que as pratas foram para Inglaterra, que a circulação fiduciária ascendeu a centenas de milhares de contos e que o Banco Nacional Ultramarino, de casa e pucarinho com o Estado republicano, fabrica moeda falsa em Angola, visto que nem ele próprio aceita a papelada que emite?»

As grandes coligações capitalistas, as grandes companhias, bancos, trusts, imensos focos de absorção modernos, terríveis tentáculos de polvo sugador, não são outra coisa do que eram outrora, nos tempos mais recuados da Idade Média, as grandes companhias de aventureiros e de saltadores que punham a resgate os viajantes ou pilhavam os campos: «é uma organização regulada e metódica da pilhagem—salvo se Leroy-Beaulieu deixou de sustentar o que afirmou no *Abismo dos capitais*...»

A quadrilha do Angola e Metrópole tem, por consequência, razões históricas: raízes no passado, sementes no presente e ramificações para o futuro—enquanto subsistir a sociedade capitalista que vive do roubo e para o roubo...

Não é também de extranhar que ao Banco Angola e Metrópole ande ligado um qualquer ministerial Nuno Simões. Muito mais republicano e muito mais eminente estadista era o sr. Thiers—o sanguinário massacrador dos comunistas parisienses—e não entanto, não teve pejo em se emparceirar com os financeiros cosmopolitas do Banco de França, o qual, aproveitando-se dos infortúnios que a guerra franco-prussiana espalhou em França, conseguiu lucros fabulosos... Assim uma coisa parecia com 64.000 e 72.000 (ao par) distribuídos de dividendo por cada acção, respectivamente nos anos de funda miséria de 1872-73... enquanto respectivamente também houve 5.306 e 5.508 felicições industriais e comerciais...

E' natural que o Banco Angola e Metrópole não se orientasse nas inteligentes tranquiérbias que os oficiais banqueiros almejavam ofereceram ao mundo inteiro. Mas se não se iluminou na paridura habilidosa dos marcos que inundaram a avidez de milhares de agiotas, para logo os deixarem desalentados com a sua inutilidade absoluta proclamada, de acordo com o Estado imperialista, pelo principal Bank emitor—consequendo assim dinheiro bom dos aliados a tróco de papelada sem valor; se não se baseou ainda nos malabarismos históricos postos em prática num dos períodos da Grande Revolução Francesa, em que falsamente se fabricaram cem milhões de céduas do Estado sem o consentimento da assembleia, tais eram as necessidades dum corte perulário a satisfazer—é, contudo, muito crível, que encontrasse como fulgido inspirador a imortal fanfara de Lhilian Pitt, o famoso instigador da guerra de Inglaterra, não contra a França nobre, mas contra a França revolucionária.

Falta-nos adivinhar se aparecerá algum célebre orador Verdieriano moderno a denunciar-nos onde verdadeiramente se fabricam os novos assinados falsos, ou algum Taylor a declarar-nos tervisto, pelos seus próprios olhos, os hodiernos assinados portugueses fabricados... em Inglaterra—como Taylor e Shéridan antigos respectivamente declarou e descobriu o «fabrico de assinados falsos» que Pitt fundava em Inglaterra, «em tudo semelhantes aos que foram emitidos» ou haviam de ser pela convenção nacional francesa...

Ora como esse dinheiro falso de Pitt, como dos condes de Artois e Puisse, era destinado ao fomento da reacção realista, ao «açambarcamento sistemático dos víveres por meio da compra antecipada da colheita e à usura sobre os assinados a que ela se entregava com entusiasmo a fim de ser provocado o descontentamento popular—máda—mais possível do que os Pitts da época presente tenham fundado em Inglaterra e em Portugal mesmo uma fábrica de 500.000 em todo semelhantes aos já emitidos pelo governo—com o fim premeditado duma tentativa ultramontana, escorada na



## TEATRO GIMNASIO

Telefone C, 2814

HOJE às 9 1/4 da noite

Ultima recita  
da espirituossissima

## Guerra ao vinho

AMANHÃ  
para reaparição de  
PALMIRA BASTOS  
a primeira representação da peça  
espanhola

VIDA E DOÇURA

O NOVO E SUMPTUOSO CAFÉ  
DESTE TEATRO ESTÁ ABERTO  
TODO O DIA E NOITE  
Entrada pela passagem Gimnasio  
e rua Nova da Trindadeindignação popular sabiamente espiciada  
em proveito dos intrigantes da reacção.Podendo tudo isto muito bem ser uma  
emocionante representação maravilhosa-  
mente desempenhada, é provável que os  
olheiros do Banco Angola e Metrópole, os  
filhos desta nova quadrilha, dissessem lá do  
estrangiero para Portugal e colônias, como  
entrou dissemos de Londres para a comissã  
da insurreição reaccionária na Biet-  
anha: «Bretanha teireis um milhão por dia,  
depois dois, e assim sucessivamente» para  
acabar tudo, comprades tudo, arre-  
matades tudo».Até quando? Até quando o povo, ar-  
vorado num novo, mas mais completo,  
Drouet, se resolve a deter os recentes  
Luis XVI da finança e da politica, quando,  
descendo da Cidade Alta da sua pirataria  
para a ponte do A'ire do vice-presidencia-  
lismo dos Bancos Metrópole ou Nacionais  
Ultramarinos, passem sob as abóbodas do-  
radas das igrejas Gençoul das suas pro-  
priedades ladrocinhas...Até lá, enquanto não abolir a proprieda-  
de privada e não expropriar, por utilidade  
humana, todo o patrimonio social para a  
posse comum duma sociedade livre e igua-  
litaria—haverá sempre Bancos a engulir a  
metrópole, as colônias, o mundo, a huma-  
nidade...

C. V. S.

Um jornal da tarde de ontem, referindo-  
se ao misterioso caso das notas falsas, co-  
mentava-o do seguinte modo:«Como vieram as notas? Em caixotes  
despachados para Lisboa? Mas assim teria  
sido processado o respectivo despacho e  
verificado o conteúdo de tais caixotes.Mas verificado que continham notas do  
Banco de Portugal só com as devidas for-  
malidades e acompanhados até ao Banco  
poderiam ter saído da Alfandega.Quem despachou os caixotes e quem os  
verificou?Não é admissível a condução de tão avul-  
tado número de notas, algumas toneladas,  
em pequenas malas de mão, e estas mesmas  
teriam sido verificadas à chegada, muito  
embora tivessem o letrinho de valises di-  
plomaticas, pois que mesmo o que é im-  
portado pelos ministros estrangeiros—e  
são os únicos que gozam do privilegio de  
isenção de direitos—está sujeito à veri-  
ficação, embora nada pague».

\* \* \*

Pedi ontem a demissão de ministro do  
Comércio o dr. sr. Nuno Simões. Na carta  
que enviou ao presidente do ministério jus-  
tificava a sua renúncia na campanha de  
suspeição feita em seu torno.

\* \* \*

O Angola e Metrópole continua selado e  
guardado pela policia. No Banco de Por-  
tugal já ontem foi insignificante o número  
de pessoas que appareceram a trocar notas  
de 500 escudos.

\* \* \*

O Diário do Governo publicou ontem  
uma portaria retirando a autorização ao  
Banco Angola e Metrópole para poder fun-  
cionar.O ouro russo vai para os  
capitalistas americanosNa região de Lena existem minas de ouro  
que são as mais importantes de toda a Sibé-  
ria. Os filões são tão curiosos que a sua ex-  
ploração pode influir, como arma terrível,  
no curso mundial das massas de ouro e dar  
à Rússia o quarto lugar na produção do  
precioso e vil metal. Pois toda esta formi-  
dável riqueza vai transformar-se em con-  
cessão feita a uma gigantesca companhia  
inglesa, apoiada por vastos capitais norte-  
americanos.A companhia concessionária, no accordo  
que fez com o governo russo, compromete-  
te-se a uma extracção anual de 181.440 on-  
ças de ouro, ou sejam, mais de 50.000 on-  
ças sobre toda a produção do território  
russo, durante o anno de 1924. Do ouro ex-  
traído pela nova companhia, sete por cento  
será entregue ao Estado, assim como quatro  
por cento de outros metais que venham a  
ser extraídos, devendo estas percentagens  
constituirem reservas financeiras dos só-  
cios.TEATRO  
S. CARLOSO PRINCEPE JOÃO  
HOJE  
às 9 1/4 da noite

Espectáculo sensacional

Admiráveis criações de

LUCÍLIA SIMÕES

e SAMUEL DINIZ

Evoca-se uma scena bár-  
bara passada em Africa  
de que foi vítima um  
negro de cinco anosSó hoje, porque estive fora desta cidade  
durante alguns dias, tive conhecimento da  
revoltante e comovedora noticia que A  
Batalha publicou no seu numero de 4 do  
corrente a propósito da forma infamissima  
e cruel como certos brancos de alma preta  
tratam, em Africa, certos pretos de alma  
branca.Os monstros, ao lerem a dita noticia, fi-  
carão insensíveis; os homens dignos, não!  
Os homens dignos sentirão sempre, ao le-  
rem conhecimento de factos idénticos, uns  
calafrios incómodos a percorrer-lhes a espi-  
nha, sinal evidente da sua revolta sagrada!A noticia de A Batalha evocou em meu  
espírito certo facto passado há muitos annos  
em Africa, praticado por certo herói cujo  
nome não fixei. Um ex-militar Inácio José  
de Sousa, cearense e comerciante em Eri-  
del (Alentejo), que foi testemunha presen-  
cial, viu com os seus olhos a infâmia que  
vou relatar:Em certo dia, o dito Inácio José de Sou-  
sa, em companhia de algumas centenas de  
soldados portugueses, entrou em combate  
contra os negros, tendo por comandante  
não me recordo agora quem.Os negros, por que a metralha dos por-  
tuguezes era certa e contundente, fugiram  
cheios de pavor das pobres palhotas  
onde viviam. Um negro pequenino, dos  
seus 4 ou 5 annos, não podendo acompanhar  
na fuga os negros adultos, foi «caçado» pelas  
«heróicas» tropas portuguesas.Que julgais vós, leitores, que fez o «hon-  
radissimo» comandante da columna, que no  
peito ostenta hoje, talvez, as medalhas de-  
meritadas que é de uso concederem-se aos  
assassinos legais? Isto, tão somente:—ao  
chegar junto do inocentinho, de lado a lado  
o atravessou com a baioneta, tendo esta  
frase à Guilherme II:—«Este, quando for  
homem, não pegará em armas contra os  
brancos!»Os defensores gafados da «honra» nacional  
podem dizer que isto é mentira; o pior  
para elles, porém, é que o sr. Inácio José  
de Sousa está ali em Eriudel, vivo e  
são como um pero...Comentários? Faça-os o leitor, se não  
está cheio de perversão «patriótica». O que  
fica apontado demonstra tão somente que o  
homem, seja de que nacionalidade for, per-  
de de sentimentos humanos quando em  
combate.Só a educação racional, que ensina os fi-  
lhos de todas as pátrias ao culto generoso  
da pátria única, a pátria universal, pode  
evitar as dores cruciantes deste pobre pla-  
neta em que habitamos.

Gonçalves CORREIA

## COLISEU DOS RECREIOS

Hoje à noite, o mais sensacional  
e mais barato espectáculo  
de LisboaEquilibristas, domadores, acroba-  
tas, palhaços, faz-tudo, saltadores,  
contorsionistas, «dresseurs», tudo isto,  
junto aos cavalos, tigres, macacos  
e cães, compõe um espectáculo de  
infinita variedade e bom gosto, ale-  
gre, instructivo, emocionante e ainda  
por cima o mais barato de Lisboa.

Brevemente: Surpreendente estreia

## Veneza cohera de gelo

VENEZA, 10.—Pela primeira vez em  
longo numero de annos Veneza está experi-  
mentando o nevoeiro e o gelo.As suas lagoas estão parcialmente gela-  
das e é praticamente impossibilitado todo o  
serviço de navegação.

## Banda da Guarda Naval

A banda da Guarda Naval realiza hoje,  
das 14 às 15,30 horas, na parada do Quar-  
tel dos Marinheiros um concerto publico  
com o seguinte programma:«Le Départ»—P. D.—Sellenick; «Elisa-  
beth»—Abertura—Turine; «Festa di No-  
zze»—Fantasia in 3 tempi—Manente; «Mo-  
vimento di gioia nel popolo, II»—In Chiesa,  
III—Festa in Famiglia; «Los Boñemos»,  
Fantasia da Zarzuela—Vives; «Princesa  
Amarela»—Abertura—Saint-Saëns; «Novo  
Maestro»—P. D.—Freixial.

## APOLO

Noite de arte a de amanhã neste teatro, resi-  
za-se a festa artistica do admirável actor em-  
presario, Alves da Cunha, com «reprise» do for-  
midável drama A TABERNA, em que ele interpreta  
o protagonista.

## O caso do Angola e Metrópole

Da Arcada foi-nos enviada a seguinte  
nota:O alto commissário de Angola telegraphou  
ao sr. ministro das Colônias, comunicando  
ter ordenado que fosse fechada e arrolada  
a agência do Banco Angola e Metrópole e  
tendo considerado à ordem do governo  
qualquer depósito que o mesmo Banco  
tivesse em Bancos ou casas bancárias.Parece averiguado que o referido Banco  
fez transferências de cerca de cinco mil  
contos, dando cheques em troca de notas  
de Angola.

## Mais uma violência

Ontem, quando as famílias dos operários  
presos há sete meses na esquadra do Cami-  
nho Novo, ali se dirigiam de tarde, a fim  
de lhes entregarem comida, tal não lhes foi  
consentido, retirando as pobres mulheres  
com os cabazes de comida, arreliadas, como  
é de calcular.A razão desta estranha medida resulta  
do facto de pretenderem coagir os presos  
a alimentarem-se unicamente do rancho  
que é pouco e de má qualidade, ou então e  
por espirito de economia para a policia, a  
alimentarem-se unicamente por sua conta,  
inibindo-os assim de repartirem com os  
outros presos.Várias vezes os presos têm chamado o  
cabo da esquadra, a fim-de se queixarem,  
mas em resposta só têm recebido as mais  
infames ameaças. Isto, é bom não esquecer,  
passa-se na esquadra do Caminho Novo.

## Ocorrências diversas

No Banco do hospital de São José foi  
pensado, recolhendo depois a casa, Silvério  
de Oliveira, 25 annos, de Lisboa, magarefe,  
morador na «vila» Estefânia, 19, loja, o qual  
foi agredido, na rua da Palma, com 3 facas-  
das.—No Banco do mesmo hospital também  
foi pensado, recolhendo a casa por se recu-  
sar a ficar hospitalizado, David Morgado,  
23 annos, de Sernachele, cateleiro, resi-  
dente na rua do Terreirinho, 52, a Santa  
Catarina, o qual caiu na rua do Poço dos  
Negros, fracturando a perna direita.—Também no mesmo Banco recebeu  
curativo e recolheu a casa Bebianna da Con-  
ceição, 28 annos, da India portuguesa e mo-  
radora na rua do Norte, 126, 2.ª, que na rua  
do Amparo foi colhida por um eléctrico,  
ficando com várias escoriações pelos joelhos.—Na Sala de Observações do Banco do  
hospital de São José, faleceu ontem,  
Mário Nobre, de 20 annos, empregado no  
comércio, natural e residente em Beja e que  
quando, ante-ontem, se encontrava em casa,  
um individuo de nome Izidro Silvério, se  
encontrava examinando uma pistola, a arma  
disparou-se indo o projectil atingir o  
Mário no ventre.—Por intermédio da médica sr.ª D. Maria  
Carolina Ramos, foi entregue pelo «Diário  
de Notícias» ao sr. Fiscal Geral dos Hospi-  
taes Civis, sr. José Simões, um enxoval  
completo destinado por uma anónima bem-  
feitora a uma criança pobre recém-nascida  
no hospital de São José, no dia 8 último. O  
pedido da carinhosa bemfeitora foi satisfe-  
ito sendo o referido donativo entregue à  
doente da cama 40 da enfermaria depósito,  
do hospital de São José, Adelina Silva, de  
25 annos, natural de Sernachele do Bomjar-  
dim e residente na travessa de São Bartolo-  
meu, 14, 3.ª que ali deu à luz uma criança  
do sexo masculino.—No posto da Cruz Vermelha do Calvá-  
rio foi receber curativo e seguiu para casa,  
Carlos de Oliveira, de 28 annos, natural de  
Lisboa, trabalhador, residente na travessa  
da Horta Naveia a Alcântara o qual caiu na  
calçada do Sacramento, fracturando o braço  
direito.—Na Sala de Observações do Hospital de  
São José deu entrada João Rodrigues de  
21 annos, natural de Alentejo, trabalhador,  
e residente em Moscavide, o qual na fáb-  
rica da Companhia Nacional de Sabão,  
em Moscavide, foi colhido por um toros de  
pinho ficando muito confuso no torax e  
com uma costela fracturada.—Na enfermaria de São Francisco deu  
ontem entrada, Serafim Nunes, de 35  
annos, natural de Arganil, carroceiro, resi-  
dente no Alto dos Toucinheiros (barracas)  
o qual, próximo da residência caiu da car-  
roça de que era conductor e sendo colhido  
por uma das rodas ficou com as costelas  
fracturadas.—No logar de Montargil, no concelho  
de Alemquer, de onde é natural, reside o  
jornaleiro João dos Santos, de 22 annos, que  
traz de namorado uma rapariga em Olhalvo,  
o que parece não ser visto com bons olhos  
pelos rapazes desta localidade. Ontem  
quando o Santos recolhia a casa, foi abor-  
dado por um trabalhador de nome Florin-  
do que se fazia acompanhar por mais dois  
individuos todos de Olhalvo e que haviam  
ido a Montargil visitar o sogro do Florin-  
do que ali reside, os quaes dirigiam umas  
chufas ao Santos, acabando por agredir  
este que ficou ferido com um tiro de  
chumbo na perna direita. Aos gritos de  
socorro do ferido acudiram várias pes-  
soas, pondo-se os agressores em fuga.O João dos Santos foi transportado para  
casa, onde lhe foram ministrados os pri-  
meiros curativos, seguindo depois para  
Lisboa, onde num auto da Cruz Vermelha  
foi transportado ao Hospital de São José,  
em cujo Banco foi observado pelo cirur-  
gião de serviço, dr. José Paredes, reco-  
lhendo depois de pensado à Sala de  
Observações.

## SÃO CARLOS

Continua a encher-se todas as noites este  
teatro o que não surpreende, desde que se saiba  
que o PRINCEPE JOÃO continua em scena.

## O conflito no Parque Eduardo VII

No Tribunal Militar, em Santa Clara, não  
se realizou ontem o anunciado julgamento  
dos militares implicados nos acontecimen-  
tos do Parque Eduardo VII, por estarem  
doentes três dos réus. O julgamento ficou  
adiado «sine die».O conflito entre a Câmara  
e a Companhia do GásNovamente reuniu-se ontem a comissão  
de vereadores encarregada de resolver o  
último conflito entre a Câmara e a Com-  
panhia do Gás, conflito que provém do facto  
da Companhia ter posto de parte as dispo-  
sições dos contratos vigentes no tocante a  
preços de iluminação e acessórios.Nada transpirando do que nesta reunião  
se passou, parece, todavia, que a referida  
comissão já tem completa a nota official de  
diversos casos recentes em que a Com-  
panhia tem agido em detrimento dos mesmos  
contratos e do publico consumidor.

A comissão torna a reunir-se hoje.

## GIMNASIO

Amanhã sobe à scena deste teatro a 1.ª recita  
da peça espanhola VIDA E DOÇURA para reapari-  
ção de Palmira Bastos, que interpreta a prota-  
gonista.

## LER E ASSINAR

## Os Mistérios do Povo

## TEATRO NACIONAL

Telef. N. 3049

HOJE—às 9 1/4 da noite

REPETE-SE O SENSACIONAL DRAMA

## A SEVERA

Peça altamente dramática, cheia de aparato  
e representada com successo  
mais de trescentas vezes

Protagonista Ester Leão

Encenação do professor ANTÓNIO PINHEIRO

## Justiças de Ponte de Sôr ..

## Um julgamento curioso

Realizou-se em Ponte do Sôr, no dia 7  
do corrente, o julgamento do camarada  
Manuel Sardinha—um dos melhores e mais  
conscientes elementos operários daquela  
localidade—que era acusado de ter proferido  
palavras injuriosas para um burgue-  
sote de Avis que com um automovel, em  
grande velocidade, lhe matara um cão de  
muita estimação, que era para o nosso ca-  
marada Sardinha um precioso companheiro.Admissivel era que o arguido, ao difi-  
gil-se ao tal burguesote, à mercê da pena  
e do desespero que lhe causara a morte do  
cão, e ao verificar que não era atendido na  
sua dor e nas suas justas reclamações, se  
excedesse e verberasse com rudes palavras  
o procedimento daquele que lhe causara o  
dano lamentável. Mas acontece que, domi-  
nando os seus nervos, o camarada Sardinha  
não se excedeu nem proferiu quaisquer pa-  
lavras insultuosas—o que foi comprovado  
por testemunhas que a tudo assistiram e  
que tudo presenciaram.Todavia... o camarada Manuel Sardinha  
foi processado, acusado de injurias, de har-  
monia com o artigo 410 do código penal, e  
foi julgado no dia 7, em Ponte de Sôr. Foi  
seu defensor o advogado do conselho jurí-  
dico da C. G. T., dr. Sobral de Campos,  
que produziu um interessante discurso, ba-  
seando-se nos autos e na prova testemu-  
nial. Fez a accusação—porque nem esque-  
cer ao queixoso levar advogado no firme  
propósito de perseguição—o dr. Apolinário  
Oleiro, de Abrantes, que se baseou nos  
depoimentos de testemunhas que mentiram  
como perros.Pois foi a esses depoimentos que o juiz  
da comarca deu valor—desprezando os de-  
claros e concludentes depoimentos da defesa  
—condenando Sardinha em 15 dias de  
multa a \$500 por dia e nas custas do pro-  
cesso!Não houve a coragem, a audácia—que  
era esperada pela burguesia, fidalga inimiga  
do Sardinha e da classe operária de Ponte  
de Sôr—de condenar aquele nosso camara-  
da a cadeia ou em dois meses de multa.  
Mas foi preciso condená-lo. Era preciso  
condená-lo. E condenou-se sob a pressão  
da atmosfera que a burguesia daquela terra  
tem criado em roda do nosso camarada  
Manuel Sardinha.A sentença foi muito mal recebida—  
mesmo por pessoas estranhas ao opera-  
rio—porque no tribunal se fez prova  
plena da inocência do arguido.Que o operariado vá reparando na ma-  
neira como se administra... a justiça por  
essas comarcas do país...

## NACIONAL

Hoje, repete-se a comovente peça A SEVERA,  
que ontem obteve neste teatro um ruído su-  
cesso.

## BAIXA DE SALÁRIOS

Manufactureiros de Calçado  
de LisboaContinuando esta classe a movimentar-se  
para o prosseguimento da luta contra a bai-  
xa de salários, realiza-se amanhã uma as-  
sembleia magna na sede do sindicato, con-  
vidando-se por este motivo a vinda hoje à  
sede os delegados das várias officinas, para  
proceder à distribuição dos manifestos.

## Pregão de revolta

Carta-protesto, em verso, dirigida ao  
presidente do ministério contra as depor-  
tações.Pregão \$500; pelo correio, \$20; regis-  
trado, \$550. Pedidos à administração de A  
Batalha.

## Serviços da Cruz Vermelha

Durante o mês de Novembro último, a  
Cruz Vermelha Portuguesa effectou nos  
seus postos de Lisboa, 1808 tratamentos a  
feridos e doentes, vacinou 564 pessoas e  
ministrou 173 banhos.

## OS QUE MORREM

Vitória de Oliveira

Na sua residência rua da Esperança do  
Cardal, 24, 2.ª, faleceu ontem a sr.ª D. Vi-  
tória de Oliveira. A extinta que contava 56  
anos de idade era madrastra do sr. José Luís  
Carlos de Oliveira, enfermeiro-chefe do  
Banco do Hospital de S. José. O seu fune-  
ral realiza-se, hoje, pelas 12 horas, para o  
cemitério Oriental.

Suzette de Sousa

Ficou anteontem sepultada no cemitério  
oriental a meinha Suzette Pais de Sousa, fi-  
lha de Francisco Pais de Sousa, chauffeur  
do ministério das Finanças, e sobrinha de  
Paulo Duarte, operário da construção civil.

Ana da Glória Cunha

Faleceu no domingo passado, em Vila  
Nova de Gaia, Ana da Glória Cunha, com-  
panheira do nosso camarada António Cun-  
ha, operário jardineiro.Ana da Glória Cunha, que aceitava os  
nosso ideais de emancipação, era intelligen-  
te, e despida de preconceitos religiosos, fez  
a declaração que desejava que o seu enterro  
se fizesse civilmente.No funeral fizeram-se representar: o Nú-  
cleo da Juventude Sindicalista de Gaia,  
Grupo Anarquista «Filhos da Liberdade»,  
União dos Jardineiros do Porto, Sindicato  
Unico Metalurgico de Gaia, Sindicato dos  
Operários Tancoides do Porto e Gaia, Sin-  
dicato dos Trabalhadores de Armazéns de  
Vinhos do Porto e Gaia e União dos Em-  
pregados no Comércio do Porto.A ambição dos Cresus moder-  
nos está causando a dor  
em milhares de famíliasAo jornal que versa matéria politica, eco-  
nómica ou financeira, impende-lhe o dever  
e também a conveniência de pugnar pela  
causa social dos menos abastados—de mol-  
de a criar-lhe o ambiente favorável e com  
ele uma aura popular—sem a qual não há  
fastigio perduravel. E o apoio das classes  
inferiores é realmente um poder—não para  
menosprezar, verificando-se que ele é mais  
certo e seguro do que o estendal de adula-  
ções e blandícias por outras classes postas  
em jogo às suas conveniências. Supor que  
o povo não aprecia-as, muitas vezes, deli-  
tando-se em holocausto—abusiva-  
mente usadas em holocausto—às ambições  
dos Cresus insaciáveis—é um erro crasso  
que uma pertinaz cegueira se obstina em  
relegar para o esquecimento por aqueles a  
quem incumbio o dever de prestar-lhe aten-  
ção. Porque as injustiças conduzem ao re-  
fervor do odio criado pela desbragada ex-  
ploração da desvarada plutocracia, como  
últimamente se tem visto com as célebres  
Empresas, entre elas a de Criação e Com-  
ércio de Gados, esta a que mais se des-  
taca entre as suas congéneres, um pouco-  
quinho menos agressivas no colossal au-  
mento do custo dos géneros, tornando a  
manutenção da vida difficil para as vítimas  
que estão sob as suas arremetidas. Que belo  
seria que este primordio fosse um devaneio  
um despoliar da imaginação... mas não!  
nem mesmo o quadro está carregado de  
mais, como vai ver-se:O Alentejo criou fortunas quando, ainda  
há seis ou oito annos, vendia a carne de por-  
co à razão de 5500 por cada arroba de 15  
quilos—com o bonus de 20 %; a 22 %.  
Actualmente, pela influencia das tais Em-  
presas da Engorda de Gados e mais dos  
empresários e apesar de naquela região se-  
rem os porcos procriados, criados e ceva-  
dos com erva, respigo, bagaço e bolota que  
a natureza prodigamente lhes dispensa,  
talqualmente como nos tempos idos—agora  
a avarizia elevou para \$600 três ossos em-  
brulhados numa pele de chispe, como ameaça  
de elevação de preço! Isto é horrível e  
causa náuseas!A colheita da azeitona é extraordinaria-  
mente abundante e duma finura fora da es-  
pectativa, pois se tem verificado a produ-  
ção de 80 a 100 litros de azeite por cada  
moedura de 12 cestos que 10 mulheres,  
com salários de 4500 a 6500, e 5 homens,  
salários de 7500 a 10500, colhem num dia.  
Resulta ainda o bagaço que, remoldo, pro-  
duz acima de 10 litros. E vende-se a 6500,  
7500 e 8500 cada litro de azeite, quando ele  
não fica ao produtor por mais de \$20.  
Mas esta abundância de produção ainda  
não é de molde a saciar a desmesurada co-  
biça dos «Gonzalez» que exportam azeite,  
substituindo-o no consumo por vários cor-  
rosivos oleos.A batata, de abundante colheita, levou-a  
a exportação em grandes carregamentos para  
a apodrecer nas alfândegas do Brasil—e dos  
\$30 de que era o seu já caro preço, passou  
a \$60 e \$80. Com a cebola sucede o mesmo,  
e o vinho, de que temos uma plethora es-  
pantosa, sem um vislumbre de exportação,  
estão os magnates, talvez conluídos, a em-  
purra-lo a 1580 o litro—isto quando este  
género está na expectativa duma crise me-  
donha, como medonha tem sido a crise mo-  
ral motivada pela ambição de certos ele-  
mentos, que de preferência à carne de por-  
co, ao azeite, batata, cebolas e outros gé-  
neros já deveriam ter sido exportados—a  
benefício da sociedade.Mas a Imprensa não se ocupa com estas  
bagatelas, para não melindrar afins, e este  
caso traz-me a lembrança o característico  
facto de um qualquer deputado pelo cir-  
culo de Lisboa ter a regalia de passe em  
todas as linhas férreas que cobrem o país.  
E assim lá vai gratuitamente o lisboeta  
até Chaves, donde certamente não trará a  
chave deste enigma... facilmente decifrá-  
vel, como decifrável é a obstinação em  
não tabelar os géneros com fútil des-  
culpa do seu retraimento ao mercado, como  
se o governo não dispuzesse de meios para  
obrigar os rebeldes ao cumprimento do  
seu dever social em toda a sua exten-  
são. Temos assunto, nesta ordem de ideas,  
para escrever em três séculos successivos,  
mas enjoo... J. PRINCEPE

Damaia, 9-12-925.

TEATROS, MÚSICA  
E CINEMAS

## Concertos Fão

O primeiro dos concertos Fão, na sua  
nova serie, realiza-se no próximo domingo,  
às 15 horas, no Teatro Gimnasio, com o  
seguinte programma:1.ª parte — «Cheron» (abertura) Weber;  
«Uma caixa de música» — Liadone Alvorada  
do Gracioso» Ravel; 2.ª parte — «Núpcias  
Campestres», sinfónica, Goldmark; I — Mar-  
cha Nupcial, variações; II — Epithalamio,  
intermezzo; III — Serenade Scherzo; IV —  
No Jardim Andante; V — Dança (final). 3.ª  
parte — «Nas Steps da Asia Central», Bor-  
dine; «Rapsódia Slava», David de Sousa.Para este concerto já estão à venda os  
bilhetes, que têm sido muito procurados.

## Reclames

A temporada de circo no Coliseu dos  
Recreios attingiu agora com as recentes  
estrelas um novo grau de brilhantismo. Um  
dos numeros novos que mais entusiasmo  
tem despertado é a Batuda Americana em  
que tomam parte todos os acrobatas da  
Companhia e em que figura um duplo salto  
mortal pelo saltador Bruno Zachini. M.ile  
Oiga, fruyse à panneau, num trabalho que  
é um friso muito muito gracioso, faz-se  
também aplaudir. As grandes celebridades  
em pleno triunfo no Caliseu continuam a  
figurar no programma, entrando no espectá-  
culo de hoje Ottagio Bill, o homem macaco,  
a bola misteriosa, os tigres reais e todas as  
outras atrações e novidades da Companhia.  
Para breve prepara-se uma estreia sensa-  
cional.Escrita à feição popular do teatro, a  
nova revista do Eden «Fungá» que bre-  
vemente ali sobe à scena está sendo ensai-  
ada activamente pelo director artistico deste  
teatro coadjuvado pelo actor e ensaíador  
Pedro Cabral, tendo ficado a cargo deste  
todo o trabalho de poema e do primeiro a  
mise-en-scene geral da peça, cuja montagem  
já se está fazendo apressadamente por quan-  
to os finais de acto são todos maquinados  
e com scenários caprichosamente fantasias-  
dos pelos nossos mais hábeis cenografos.  
Laura Costa, que reaparece neste teatro fará  
alguns numeros do «Fungá» exibindo ricas  
e elegantissimas toilettes estiladas.

## TIVOLI

Telefone N. 5474

A's 8 3/4

## O Leão da Mong



MARCO POSTAL

Guarda.—M. C.: Recebido 1950.  
Tavira.—V. Fagundes: Recebemos  
1950. Está conforme.

Agenda de A BATALHA

CALENDARIO DE DEZEMBRO

S.	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28	29	30	31
D.	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28	29	30	31
T.	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28	29	30	31
Q.	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28	29	30	31

CAMBÍOS

Países	Compra	Venda
Sobre Londres, cheque		95800
Madrid cheque		2880
Paris, cheque		876
Suiza, cheque		3879
Bruxelas cheque		889
New-York, cheque		19560
Amsterdã, cheque		7990
Itália, cheque		579
Brasil, cheque		2578
Praga, cheque		559
Suécia, cheque		5826
Austria, cheque		2577
Berlim, cheque		4568

ESPECTÁCULOS

**TEATROS**  
Nacional.—A's 21.—«A Severa».  
São Carlos.—A's 21.—«O Príncipe João».  
Delfino.—A's 21.—«Raparigas de hoje».  
Trindade.—A's 21.—«Clô Clô».  
Gimnástico.—A's 21.—«Guerra ao vinho».  
Folgo.—A's 21.—«Papa Leonardo».  
São Luís.—A's 21.—«Recital do violinista Kubelik».  
Alameda.—A's 21.—«O Pão de Ló».  
Marte Vitória.—A's 21.—«O Rapariga».  
Coliseu.—A's 21.—«Companhia de circo».  
Joaquim de Almeida.—«Animatógrafo e variedades».  
Século XXI.—«Animatógrafo e variedades».  
Cil Vicente (a Graça).—A's 21.—«Animatógrafo».  
Erenita Parke.—Todas as noites. Concertos e variedades.

CINEMAS

Tivoli.—Olimpia.—Central.—Condes.—Chão de Terra.—Ideal.—Arco Bandeira.—Promotora.—Esperança.—Tortoise.—Cine Paris.

ISQUEIROS

Pedras, Metal Auer, vendem-se no LATTI, do Conde Barão, 55, 100, 250, 500, 1000, 2500.

Largo do Conde Barão, 55

Grande desconto aos revendedores

LIMAS NACIONAIS

UNIAO  
Só a grande falta de propaganda tem dado lugar a que ainda hoje se consumam em Portugal limas estrangeiras, visto que as limas nacionais «Touro» da União Nacional, produzidas em Portugal, são de primeira qualidade, e a preço muito mais barato. Experimentem, pois, as nossas limas que se encontram à venda em todos os bons estabelecimentos de ferragem e de ferro.

CLÍNICA DO CHIADO

RUA GARRETT, 74, 1.º  
TELEFONE C. 4186

Doenças venéreas

Para as classes pobres. Das 12 às 14 h.

**Renovação**  
Revista gráfica  
A 1 e 15 de cada mês  
Preço esc. 1,50

«...Este, o rei Carlos VII, passava uma vida santa, e recitava todos os dias as suas horas canônicas; e, posto que se dedicasse ao serviço de Deus, logo que morreu Inês Sorel, o rei enamorou-se da sobrinha da dita Inês que era casada com o senhor de Villequier. Ela não era menos formosa que sua tia, e o marido vivia com ela na corte: tinha sempre cinco ou seis donzelas de honra das mais formosas de França e de baixa condição, as quais seguiam sempre o rei Carlos para toda parte. A senhora de Villequier fez com que os pais de Branca Rebreuve lhe cedesse sua filha, a fim de a entregar ao rei, se bem que esta protestasse a chorar que desejaria antes conservar-se virtuosa, ainda que para isso tivesse de viver só a pão e água; porém ela bem depressa se resignou e partilhou os favores do rei com a senhora Villequier e com as suas outras meninas de companhia.»  
O mesmo Tiago Ducler (liv. XXXIX, pag. 222), falando dos costumes dos frades, dos prelados e dos padres do seu tempo, dizia:  
«...E' verdade o que se afirma que o maior número de pessoas de igreja no tempo presente e no passado, eram tão dissolutas no pecado da luxúria e da avareza, ambições e delícias mundanas, que seria pena mencioná-las. Estes desregramentos do clero irritaram profundamente a gente de bem; mas a Inquisição velava, e todos aqueles que ousavam altamente censurar esses escândalos eram acusados de heresia, ou de aliados dos Vaudois, descendentes dos Albigenes, e por consequência presos e submetidos às mais espantosas torturas, até que confessassem a sua heresia.»  
A maior parte deles confessavam por terror; grande número daqueles infelizes foram supliciados em Arras no ano de 1460. Um de entre eles, que era vereador de Arras, um dos homens mais honrados da cidade, depois de ter sido por muitas vezes torturado, declarou no momento de morrer no cadafalso, que todos aqueles que ele tinha acusado como Vaudois, não o eram; ele acrescentou que tudo quanto tinha dito, es-

**Valério, Lopes & Ferreira, L.ª**  
FERRAGENS E FERRAMENTAS  
Metais, cutelarias, talheres,  
louça esmaltada, parafusos, fun-  
dos para cadeiras,  
— guarnições para móveis —  
Chapa ferro preta e zincada  
Chapa de zinco, latão e cobre, antimonio, balanças, pesos e medidas,  
cravo para ferrador, serras circulares e de fita, etc.  
R. R. do Amparo, 86—LISBOA—TELEFONE 3930, N.º 1, Gramas, FERRAGENS

**IMPOTÊNCIA**  
Comprimidos de cloridrato de yohimbina quimicamente pura  
do Dr. R. Wolff—Berlim  
Medicamento precioso, sempre que seja necessário tonificar o aparelho genital. Não tem suc-  
dâneos. Os seus efeitos são garantidos, não tendo os inconvenientes de tantas substâncias  
indicadas com o mesmo fim, visto que não se acumula no organismo e não produz efeitos  
secundários no estômago, assim como os remédios meliores.  
Envia-se oculto — Preço: 17500; pelo correio, 18500  
R.ª venda no Agente e Depositário geral para Portugal e Colónias  
**Fernando da Silva**  
188, Rua da Madalena, 190 e nas seguintes farmácias:  
A.ª VENDA SO NESTAS CASAS:  
EM LISBOA:—Farmácia MENDES BRAGA, 133, Rua do Mundo, 135. — Farmácia  
PORTUGAL, Lda.—Rua Augusta, 218  
NO PORTO: Farmácia Central de SALGADO LENCART, R. 31 de Janeiro, 203

**FATOS**  
completos e  
sobretudo  
em bom cheviote com bons for-  
ros e bom acabamento, para  
homem, desde...  
IMPERMEIÁVEIS para homem com  
cinto e capuz: 149\$00  
Em oleado, castanho... 149\$00  
Duas faces gabardine e oleado  
para vestir dos dois lados, co-  
res, preto e bege... 245\$00  
Duas faces para vestir dos dois  
lados, castanho e bege, em lã... 425\$00  
Em gabardine preta de lã, padrão  
de oficial de marinha... 380\$00  
Imitação de camurça e cabedal,  
modelo para automóvel... 480\$00  
IMPERMEIÁVEIS para senhores com  
cinto e capuz... 139\$00  
Em lã... 225\$00  
Descontos para revenda  
Para a provincia remetemos catá-  
logos com amostras a quem pedir  
170, Rua da Boa Vista, 172

Suplemento semanal ilustrado  
de «A Batalha»

Encontra-se já à venda o primeiro ano  
deste interessante semanário, devidamente  
encadernado, numa ótima capa em perca-  
lina ilustrada a cores, por Alonzo, contendo  
um indispensável índice dos variados  
assuntos de ordem doutrinária, literá-  
ria e artística.

O seu preço é: 1 volume com 420  
páginas, 45\$00.

Encadernação (por capas e índice),  
20\$00.

Capas e índice em separado, 15\$00.

Pedidos de coleções, ou envio destas  
para encadernação, à administração de A  
Batalha.

O Sindicalismo Revolucionário e a  
Organização Operária

Por Rodolfo Rocker. Fugoso escritor e um  
dos maiores oradores da Alemanha, mem-  
bro da A. L. T. Folheto com 32 páginas,  
com um esboço biográfico do autor: Preço  
1\$00.

Pedidos à administração de A Batalha.

A revolução Social e o Sindicalismo

Por Arkimof. Preço 1\$50.

**Biblioteca de Instrução Profissional**  
Manuais de officios  
Galvanoplastia... 18\$00  
Motores de explosão... 20\$00  
Navegação... 16\$00  
Cimento armado... 25\$00

**Construção Civil**  
Materiais de construção... 20\$00  
Terraplenagens e alicerces... 13\$00  
Trabalhos de Carpintaria... 16\$00

**Diversas Indústrias**  
Condutor de Máquinas... 20\$00  
Foguetim... 16\$00  
Formador e estucador... 12\$00  
Fundidor... 13\$00  
Pilotagem... 16\$00  
Indústria alimentar... 12\$00  
Indústria do vidro... 12\$00

**ASSINEM Os mistérios do Povo**  
Associação de Solidários Mútuos do DIA

Sede:—Rua dos Sapateiros, 219, 1.º  
Convoca a reunião de assembleia geral para o  
dia 14 do corrente, pelas 10 horas, a fim de se  
proceder a eleição dos corpos gerentes para o  
ano de 1924. Se a assembleia não puder funcio-  
nar por falta de número legal de sócios, fica a  
mesma desde já convocada para o dia 21 do  
corrente, pela mesma hora, funcionando com  
qualquer número de sócios presentes.  
Lisboa, 12 de Dezembro de 1923.  
O presidente da mesa, Fernando Conceição  
Jesus Navarro.

**Associação de Soc. M. TOMAZ RIBEIRO**  
Sede:—Rua dos Sapateiros, 219, 1.º  
Convoca a reunião de assembleia geral para o  
dia 14 do corrente, pelas 10 horas, a fim de se  
proceder a eleição dos corpos gerentes para o  
ano de 1924. Se a assembleia não puder funcio-  
nar por falta de número legal de sócios, fica a  
mesma desde já convocada para o dia 21 do  
corrente, pela mesma hora, funcionando com  
qualquer número de sócios presentes.  
Lisboa, 12 de Dezembro de 1923.  
O presidente da mesa, Joaquim José Lopes.

**Associação de S. M. CAMARÁ PESTANA**  
Sede:—Rua dos Sapateiros, 219, 1.º  
Convoca a reunião de assembleia geral para o  
dia 14 do corrente, pelas 10 horas, a fim de se  
proceder a eleição dos corpos gerentes para o  
ano de 1924. Se a assembleia não puder funcio-  
nar por falta de número legal de sócios, fica a  
mesma desde já convocada para o dia 21 do  
corrente, pela mesma hora, funcionando com  
qualquer número de sócios presentes.  
Lisboa, 12 de Dezembro de 1923.  
O presidente da mesa, José de Almeida.

**“Educação Social”**  
Revista de pedagogia e sociologia  
Dirigida pelo prof. dr. ADOLFO LIMA  
Publicação mensal

Redacção e administração—Empresa Lite-  
rária Fluminense, Limit.—R. dos Re-  
trozeiros, 125—LISBOA.

A venda na administração de «A  
Batalha».

Misericórdia de Lisboa

A Comissão Administrativa das Loterias  
faz público que a Tesouraria da Misericór-  
dia, das 10 e meia às 15 horas e no prazo  
legal, serão pagas as cauteias emitidas pelo  
Cambista António Maria Rodrigues, estabele-  
cido na Rua da Prata, 60 e 62, da vigés-  
sima terceira extracção de 1923-1926, cujo  
sorteio teve lugar no dia 5 do corrente.  
O Presidente, (a) José da Silva Ramos

HORARIO DE TRABALHO

As disposições legais

A secção editorial de A Batalha acaba  
de editar, em folheto, o decreto 5.516, de 7  
de Maio de 1919 e respectivo regulamento  
publicado no Diário do Governo de 20 de  
Maio sobre o horário de trabalho, sendo  
o seu preço avalo de \$50.

Aos sindicatos que desejem adquirir  
quantidade far-se-há um abatimento de 50  
por cento em pacotes de 50 folhetos.  
Pedidos à administração de A BA-  
TALHA.

“A BATALHA” No Funchal vende-se  
no Bureau de La  
Presse.

LA NOVELA IDEAL

Acaba de chegar o n.º 20 desta revista in-  
titulada El Hereje, de J. Sanjurjo. Pre-  
ço, \$50. — Pedidos à administração de A  
Batalha.

Misericórdia de Lisboa

A Comissão Administrativa das Loterias  
faz público que, a fim de prevenir futuros  
prejuízos aos portadores de cauteias da  
próxima Loteria do Natal de 23 do cor-  
rente que tenham sido emitidas pelo  
Cambista António Maria Rodrigues, estabele-  
cido na Rua da Prata, n.º 60 e 62, resolveu  
recolher todas as referidas cauteias, pagan-  
do aos portadores das mesmas o preço do  
custo nelas indicado até ao dia 19 do cor-  
rente.

Este pagamento será feito na Tesouraria  
da Misericórdia todos os dias úteis das 10  
e meia às 15 horas.

Passado esse dia, as cauteias emitidas  
pelo referido Cambista António Maria Ro-  
drigues, e referentes à citada Loteria de 23  
do corrente, deixam de ter qualquer valor,  
não sendo pago nenhum premio que às  
mesmas podesse caber no sorteio a reali-  
zar.

O Presidente, (a) José da Silva Ramos.

Caminhos de Ferro do Estado

DIRECÇÃO DO SUL E SUESTE

Previdência do Ferrovário do Sul e Sueste

EDITOS DE 30 DIAS

Pela comissão administrativa da «Previ-  
dência do Ferrovário do Sul e Sueste»  
correm editos de 30 dias, nos termos do  
artigo 12.º e seus parágrafos dos respec-  
tivos Estatutos, a contar da última publica-  
ção deste anúncio no Diário do Governo,  
citando todas as pessoas incertas que se  
julguem com direito ao todo ou a parte da  
quantia de oito mil duzentos e vinte e seis  
escudos (8.220\$00), valor do auxílio de que  
trata o artigo 17.º e seu parágrafo único  
dos citados Estatutos, deixado pelo sócio  
n.º 2618, fiel de balança, António Eduardo  
Trindade, falecido em 23 de outubro de  
1925, e a cuja quantia se habilitou sua es-  
posa Ondina dos Santos Carvalho Trinda-  
de, por si e por sua filha solteira Isaura  
dos Santos Carvalho Trindade, suas legíti-  
mas herdeiras.

Lisboa e sede da «Providência do Ferro-  
viário do Sul e Sueste», aos 26 de novem-  
bro de 1925.—Pelo secretário da comissão  
administrativa, Albano do Canto.

A GRANDE BAIXA  
DE CALÇADO

SÓ COM O LUCRO DE 10% NA

SAPATARIA SOCIAL OPERARIA

Sapatos para senhora... 30\$00  
Sapatos em verniz... 38\$00  
Botas pretas (grande saia)... 48\$00  
Botas brancas (saia)... 38\$00  
Grande saia de botas pretas... 58\$00  
Ectas de cor para homem... 48\$00  
Não confundir a SOCIAL OPERARIA com  
outra casa.  
Ver bem, pois só lá encontra bom e barato.  
A Social Operaria e na rua dos Cavaleiros,  
18-20, com Filial na mesma rua, n.º 18.

Livraria de A BATALHA

OBRAS DE LITERATURA, CIÊN- CIA E ENSINO	Nogueira de Brito
Abel Botelho—Amanhã... 16\$00	I—Memórias de Angela Pinto... 15\$00
Alexandre Herculano	Plasani—Iniciação matemática... 5\$00
Lendas e Narrativas (2 volumes)... 20\$00	Oliveira Martins
Cartas (2 volumes)... 20\$00	Heleusismo e a Civilização Cristã... 15\$00
Adolfo Lima	História da Civilização Ibérica... 15\$00
Contrato do Trabalho... 10\$00	História da República Romana (2 volumes)... 30\$00
Educação e ensino... 5\$00	História de Portugal (2 vol)... 30\$00
Aquilino Ribeiro	Raça Humana (2 vol)... 30\$00
Anatole France... 3\$00	O Brasil e as Colónias Portuguesas... 15\$00
Estrada de São Tiago... 10\$00	Cartas Peninsulares... 15\$00
Jardim das Tormentas... 10\$00	Sistema dos meios e ficções religio- sas... 15\$00
Via Sinuosa... 10\$00	Orlando Margal
As Filhas da Babilónia... 10\$00	Agus claras... 6\$00
Augusto de Sousa—Folhas perdidas (Fados)... 10\$00	Imagens de Sôhno... 1\$00
Bento Faria—Missa nova (teatro em verso)... 1\$00	Da Educação (broc. 5\$00) encad... 6\$50
Binet-Sanglê—A loucura de Jesus... 5\$00	Raul Bândo
Charles Darwin—Origem das espe- cies... 14\$00	Os pescadores... 10\$00
Campos Lima	Os Pobres... 10\$00
O Estado e a evolução do Direito	O Teatro... 8\$00
O Amor e a Vida... 5\$00	Victor Hugo
Cela dos Pobres... 2\$00	França e Bélgica... 20\$00
A Revolução em Portugal... 6\$00	O Rento (2 v)... 12\$00
Buckner—O homem segundo a ciência... 12\$00	Os Miseráveis (2 grossos vol) ilus- trados, encadernados... 40\$00
Duarte Lopes	Zola
Frei Sangué... 5\$00	A Taberna... 12\$00
Épa de Queiroz	Tereza Raquir... 6\$00
O crime do Padre Amaro... 18\$00	Alegria de viver (2 vol)... 10\$00
O primo Basílio... 16\$00	A conquista de Plassans, (2 vol)... 10\$00
O Mandarim... 8\$00	Fecundidade... 20\$00
Os Maias (2 vol)... 28\$00	A fortuna dos Rougons, (2 vol)... 10\$00
A Religião... 15\$00	Uma página de amor... 9\$00
A Cidade e as Serras... 12\$00	Dr. Pascal... 10\$00
Frade Mendes... 9\$00	Zargame—origem da vida... 7\$00
Casa Ramires... 9\$00	PUBLICAÇÕES SOCIOLOGICAS
Prosas Bárbaras... 9\$00	—Organização Social Sindicalista... 3\$00
Ecoss de Paris... 9\$00	Antonelli—A Rússia bolchevista... 2\$00
Cartas Familiares... 9\$00	Sr. Albert—O amor livre... 5\$00
Cartas de Inglaterra... 9\$00	Dufour—O sindicalismo e a proxi- ma revolução (2 volumes)... 10\$00
Minas de Salomão... 9\$00	Emílio Bossi—Cristo nunca existiu... 6\$00
Notas Contemporâneas... 15\$00	Geo Williams—Relatório dos dele- gados dos I. W. W. ao congresso da I. S. V. de Moscou... 1\$00
Ultimas páginas... 15\$00	Gladiator—A questão social do Bra- sil... 1\$50
Ernesto Haackel	Gustavo le Bon
História da Criação... 20\$00	As primeiras consequências da guerra... 8\$00
Origem do Homem... 5\$00	Ensaios psicológicos da guerra europeia... 8\$00
Os enigmas do Universo... 14\$00	Leis psicológicas da evolução dos Povos (enc)... 6\$00
Monismo... 4\$00	Guyau—Ensaio duma moral sem obrigação nem sanção... 5\$00
Religião e evolução... 4\$00	Educação e Hereditariedade... 4\$00
Faguet	Hamon
Iniciação filosófica... 5\$00	A conferência da paz e a sua obra
Iniciação literária... 10\$00	As lições da guerra mundial... 8\$00
Faria de Vasconcelos	O movimento operário da Gran- Bretanha... 5\$00
Problemas escolares... 5\$00	Psicologia do socialista-anarquista
Por terras de além mar... 5\$00	A crise do Socialismo... 5\$0
Ferreira de Castro	Henrique Leone—O Sindicalismo... 4\$00
Sangue Negro... 2\$50	Heliodoro Salgado
Sendas de Lirismo e de Amor... 8\$70	O culto da Imaculada... 10\$00
F. Castro e E. Frias—A Boca da Es- tinge... 8\$00	Jean Grave
Flamarion	A sociedade Futura... 5\$00
Iniciação astronómica... 6\$00	Anarquia, fins e meios... 10\$00
Contos de luar... 5\$00	Individualismo e a sociedade... 5\$00
Como acabou o mundo?... 7\$00	Joseph J. Ester—Unionismo indus- trial... 5\$0
Os habitantes dos outros mundos... 4\$00	Julio Guesde—A lei dos salários... 5\$0
Felix le Dantec—As influências an- cestrais... 10\$00	Justus Ebert—Os I. W. W. na teo- ria e na prática... 3\$00
Aticismo... 6\$00	Krapotkin
Filho de Almeida	A mocidade... 5\$0
Lisboa Galante... 10\$00	Anarquia, sua filosofia e seu ideal
Estâncias de Arte e Saúde... 9\$00	A Grande Revolução (2 vol)... 12\$00
Figuras de destaque... 9\$00	A moral anarquista... 5\$0
Actores e Autores... 9\$00	Os bastidores da Guerra... 3\$0
Contos... 9\$00	O Estado e o seu papel histórico
A Esquina... 9\$00	Lazare—A Liberdade... 5\$0
Aves Migradoras... 9\$00	N. Lénine—Os problemas do poder dos Soviets... 1\$50
Barbear, Pentear... 9\$00	Landauer—A Social Democracia na Alemanha... 5\$0
Cidade do Vício... 9\$00	Manuel Ribeiro—Na linha de fogo... 3\$00
Passinadas... 10\$00	Marx—O Capital... 4\$00
País das Uvas... 9\$00	Melchior Inchofer—Monarquia jesui- tica... 3\$00
Saibam quantos... 9\$00	Nietzsche
Vida errante... 9\$00	Anti-Cristo... 5\$00
Vida irónica... 9\$00	Genealogia da moral... 5\$00
Guerra Junqueiro	Neno Vasco—Ao Trabalhador Rural —Georgicas... 3\$5
A morte de D. João... 10\$00	Concepção Anarquista do Sindica- lismo... 3\$00
Musa em férias... 9\$00	A greve dos inquilinos... 1\$00
Os Simples... 7\$00	Novicow—A emancipação da mu- lher... 4\$00
A velhice do Padre Eterno (En- cadernação de luxo)... 14\$00	Pataut e Pouget—Como faremos a revolução... 4\$00
Brochado... 10\$00	Perfeito de Carvalho—Notas e co- mentários... 1\$50
Gorki	Sebastião Faure—Doze provas da inexistência de Deus... 1\$50
Os Degenerados... 5\$00	Tomás da Fonseca—Sermões da Montanha... 12\$00
Os vagabundos... 5\$00	Tolstoi—Sonata de Kreutzer... 5\$00
Na prisão... 2\$50	Toulouse—Como se deve educar o espírito... 4\$00
Jaime Cortezão—Adão e Eva (tea- tro)... 5\$00	
Jorge Teixeira—Gatosos de Luva Branca—A Escamalha (peças de teatro)... 2\$50	
Juliano Quintinha	
Visinhos do Mar... 8\$00	
Cavaleiro do Sonho... 8\$00	
Terras de Fogo... 8\$00	
Maivert—Ciência e Religião... 10\$00	

paixão, que era a da caça; sordido nos seus fatos,  
vestia um simples casaco pardo, usava um chapéu  
muito velho guarnecido com relíquias de chumbo e  
calçava grossos borzeguins de viagem; esta simplici-  
dade familiar e engraçada agradou muito ao povo nos  
primeiros tempos do seu reinado; ele queria, segundo  
dizia, restituir às cidades as suas antigas regalias, e  
abolir os impostos mais pesados. Com efeito, até uma  
certa época pareceu mostrar-se fiel às suas promes-  
sas, a julgar pela sua parcimónia: na corte já não  
havia festas de espécie alguma; tinham-se acabado as  
mascaradas, os torneios e os festins sumptuosos;  
Luis XI preferia consagrar à conservação de uma  
companhia de cem lanças a quantia que ele teria des-  
pendido num único dia de divertimento.

Os cortejos, habituados às prodigalidades de  
Carlos VII e a comer regaladamente no palácio real,  
mostraram-se descontentes da avareza e dos gostos ignó-  
beis do rei, que tomava por camarista o seu barbeiro,  
e por compadre o preboste dos carrascos. Os princi-  
pales da casa reinante, e os grandes vassallos, instruí-  
dos dos projectos de Luis XI a seu respeito, não esperam-  
ram que ele os fôsse atacar; formaram uma liga da  
nobreza, e puzeram à sua frente Carlos o Temerário,  
filho do duque de Nemours, o conde d'Armagnac, o  
duque de Bretanha, o senhor d'Albret, e finalmente o  
duque de Berry, irmão do rei, eram os principais mo-  
tores desta liga, que eles denominavam Liga do Bem  
Público, a fim de fazerem ver ao povo que eles se  
ligavam para bem do seu interesse.

A intenção dos revoltosos era reduzir Luis XI a  
soberania da Ilha de França, e obrigá-lo a reconhece-  
los príncipes soberanos e independentes da coroa. O  
astucioso rei, opoz à liga dos senhores a liga dos bur-  
guêses; aboliu em todas as cidades as contribuições e  
outros subsídios, e restituiu às comunas as suas anti-  
gas regalias; declarou-se o caríssimo amigo dos bur-  
guêses e do povo.

Os simpatizantes acreditaram a sinceridade daqueles  
actos: Paris entusiasmou-se com o rei reformador,



